



Research Brief

RENERGY - Consensos e controvérsias sociotécnicas sobre energias renováveis
Análise das representações das energias renováveis em
blogues

Ana Horta, Ana Delicado,
Luís Miranda Mendes, Maria João Nunes



RENERGY

Consensos e controvérsias sociotécnicas sobre energias renováveis

Research brief n. 3

Análise das representações das energias renováveis em blogues

Janeiro 2014

Ana Horta

Ana Delicado

Luís Miranda Mendes

Maria João Nunes

Consensos e Controvérsias Sociotécnicas sobre Energias Renováveis é um projeto de investigação em estudos sobre ciência e sociedade financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CS-ECS/118877/2010), em curso no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), em colaboração com a Universidade de Aveiro e o Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA). <http://www.renergy.ics.ul.pt>

Introdução

Os blogues fazem parte do que se convencionou chamar web 2.0, uma evolução da internet na última década e meia que reforçou substancialmente o papel dos consumidores/utilizadores na produção de conteúdos disponibilizados online, sendo considerada um alargamento da liberdade de expressão dos cidadãos. Sob a designação de blogues encontram-se páginas web de conteúdo muito diferente, que vão desde o diário de bordo pessoal até a repositórios de notícias sobre temáticas específicas. Tornaram-se numa fonte de difusão de informação e opinião alternativa (ou mesmo concorrencial) aos media tradicionais, mais democratizada, no sentido em que a existência de plataformas gratuitas facilita o acesso a este meio (ainda que o grau de projecção dos blogues e, consequentemente, a sua influência sobre a opinião pública seja muito variável e, na maioria dos casos, muito limitada).

Num contexto de especialização temática dos blogues surgiram blogues ambientais, que têm por objetivo principal difundir informação de cariz ambiental com o propósito de influenciar as atitudes e ações dos cidadãos (Haider 2012, Luck e Ginanti 2013).

Mas são talvez os blogues políticos os que têm recebido maior atenção académica, uma vez que são vistos como crescentemente influentes no debate público e até sobre os resultados eleitorais (vide, por exemplo, Wallsten 2008, Perlmutter 2008, Nahon e Hemsley 2011, Park 2009). No entanto, a relação entre os

blogues e as agendas mediáticas é bastante complexa, tendo-se observado que a respeito de um número significativo de questões não há qualquer relação entre estes dois fóruns de discussão, mas que relativamente a algumas questões surgem influências bidirecionais, de modo que a cobertura mediática de determinado assunto é seguida de maior discussão na blogosfera, e, a maior discussão na blogosfera segue-se maior cobertura desse assunto pelos media (Wallsten 2007).

Há já alguns estudos sobre a blogosfera portuguesa que, tal como no plano internacional, dão particular destaque aos blogues políticos. Podem apontar-se como exemplo a análise das motivações para a criação de um blogue político de Canavilhas (2005), o artigo de Montez e Gama (2006) sobre as relações entre os blogues políticos e os jornais, o estudo de Amaral (2006) sobre as representações mediáticas dos blogues, uma sociografia dos autores de blogues por Carvalho e Casanova (2010) ou o exame das relações entre partidos políticos e blogues de Jalali (2013).

No âmbito da tarefa de análise da cobertura mediática dedicada ao tema das energias renováveis, integrante do projecto *Consensos e controvérsias sociotécnicas sobre energias renováveis*, foi desenvolvido um trabalho de análise de *blogues* sobre ambiente e política em Portugal. Este trabalho teve como objetivo examinar se os blogues publicam informação relativa às energias renováveis e, em caso positivo, analisar os conteúdos publicados face às mesmas. Com esta informação visa-se identificar os principais

debates e argumentos utilizados nesta dimensão do espaço público, complementar à discussão pública desenvolvida nos media tradicionais.

Metodologia

A análise dos conteúdos sobre energias renováveis na blogosfera portuguesa desenvolveu-se em duas fases.

Numa primeira fase foram identificados e examinados os blogues sobre ambiente em Portugal. Foram identificados 23 blogues na área do ambiente, selecionados com base no critério da sua representatividade na blogosfera portuguesa no domínio dos temas relacionados com ambiente. Os *blogues* analisados foram: *Portugal Ambiente*; *Ambiente Online*; *Um Blogue pelo Ambiente*; *Educação Ambiental*; *Ecosfera*; *Ambiente Portugal*; *O Blogue Verde*; *As Energias do Futuro*; *Energias renováveis*; *O Único Planeta que Temos*; *A Revolução Silenciosa*; *Sustentabilidade é Ação*; *Blog do Verdinho*; *Ecogeração*; *Bioterra*; *Energias Renováveis*; *Os*

Ambientalistas; *Mitos Climáticos*; *Eco Tretas*; *A ciência não é neutra*; *Clima Virtual*; *O Vigia*; *Wikienergia*. Foram examinados todos os blogues e, sempre que possível aceder a essa informação, foram identificados os promotores, qual o objetivo do *blogue*, quantos seguidores, frequência de publicação de discussões, número de *links* e, por fim, foi aferida a sua orientação face às energias renováveis (favorável ou desfavorável).

Numa segunda fase foram identificados os principais blogues políticos em Portugal, com base nas estatísticas sobre visitantes (Quadro 1), tendo-se chegado a uma amostra de 12 blogues em que se procurou assegurar a diversidade política (seis conotados com uma orientação política de direita e outros seis de esquerda). Em seguida, foi feita uma recolha sistemática dos posts sobre energias renováveis (através das palavras-chave “renováveis”, “solar” e “eólica”), desde a criação dos blogues até ao final de 2013. Foram assim recenseados e analisados 201 posts (Quadro 2).

Quadro 1 Número de visitas aos blogues políticos selecionados (Blogometro*)

	Total de visitas	Média diária
Blasfémias	11.423.230	4.304
Abrupto	9.293.517	1.957
Arrastão	7.373.831	3.925
31 da Armada	7.347.546	2.602
O Insurgente	5.760.612	3.955
Jugular	4.367.181	3.818
Aventar	4.283.128	5.673
Corta-fitas	3.316.401	1.133
Aspirina B	2.950.156	1.490
Ladrões de Bicicletas	2,105,220	1.014
Portugal dos Pequeninos	1.870.249	1.051
Câmara Corporativa/Corporações	ND	ND

*<http://blogometro.aventar.eu/>; dados recolhidos em 20 de maio de 2013

Quadro 2 Blogues políticos analisados (nº)

Nº de blogues analisados	12
Nº de posts analisados	201

Blogues sobre ambiente em Portugal

O trabalho de análise de *blogues* sobre ambiente teve como objectivo examinar se estes publicam informação e/ou opinião relativa às energias renováveis e, em caso positivo, analisar os conteúdos face às mesmas. Com esta informação contava-se perceber de que modo os *blogues* discutem o tema em estudo.

A nível de seguidores é notória a existência de um número reduzido de seguidores declarados: maioritariamente inferior a uma centena. A exceção é o *blogue Bioterra* com 2.116 seguidores, bem como os *blogues* que estão ligados, ou que se transferiram para a rede social *Facebook* (sendo neste caso o número de seguidores, a avaliar pelo número de likes/gostos, sempre na casa das centenas). A frequência da publicação é pouco homogénea mas tendencialmente superior a semanal, variando entre 35 posts por semana e um cada 2 meses. Em parte, verifica-se uma transferência dos conteúdos e discussões para as redes sociais, contudo não foi possível dar como certa essa mudança, isto porque a generalidade dos *blogues* inativos não indica expressamente a passagem para redes sociais como o *Facebook*.

Da análise das publicações, concluiu-se que, no que toca à orientação face às energias renováveis, a esmagadora maioria dos *blogues* é favorável (19), sendo apenas

em 4 casos desfavorável, o que está patente no próprio título destes *blogues*: *Mitos climáticos*, *Ecotretas*, *A ciência não é neutra*; *Clima Virtual*. Apesar de se apurar o apoio da maioria dos *blogues* às energias renováveis, é de salientar que uma parte significativa destes está inativa (14). Conclui-se por isso, pela análise, que os *blogues* da área do ambiente são em número reduzido, com poucos seguidores e com publicação pouco frequente, não parecendo assim ter capacidade de influenciar um número significativo de seguidores.

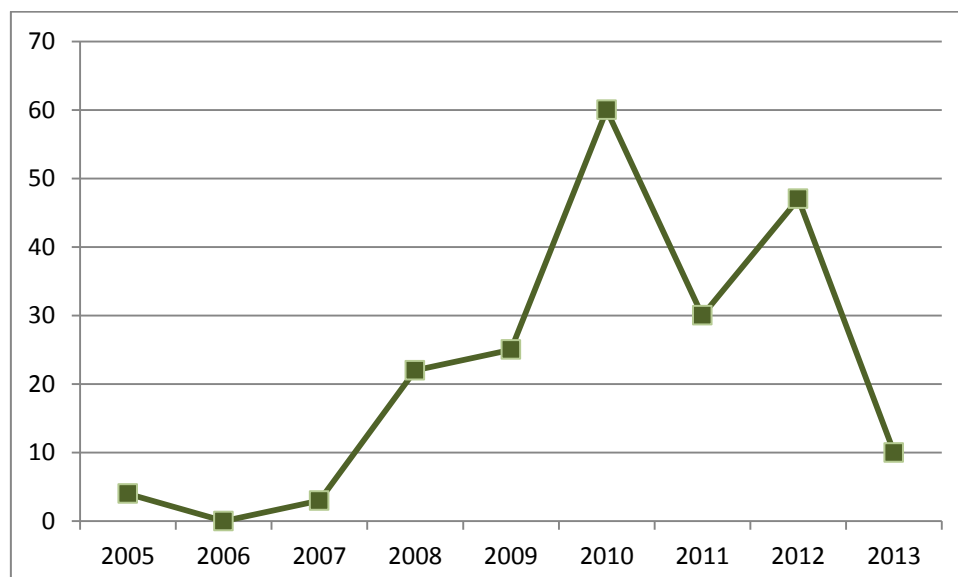
As energias renováveis nos blogues políticos

A análise dos posts sobre energias renováveis nos *blogues* políticos permite confirmar que esta temática é recorrentemente objecto de atenção política (Delicado et al. 2014) e mediática (Horta e Oliveira 2014) no país nos últimos anos. A Figura 1 mostra uma tendência de evolução que tende a acompanhar a crescente relevância, seguida de declínio, que esta temática apresentou no espaço mediático neste período (Horta e Oliveira, 2014). Assim, os primeiros posts sobre o tema das energias renováveis são publicados em 2005 e em 2008 o tema tinha ganho mais relevância, num momento em que esta temática alcança grande visibilidade nos media tradicionais,

dada a ênfase que lhe é atribuída pelo primeiro-ministro como estratégia com múltiplas vantagens, não só económicas e financeiras - tendo em conta os objetivos de redução da dependência petrolífera e consequente desagravamento do défice externo, bem como a criação de novas empresas e emprego -, como ambientais - permitindo dar resposta aos compromissos europeus e internacionais de redução das emissões de gases com efeito de estufa e assim combater as alterações climáticas (Horta e Oliveira, 2014). A publicação de posts atinge um pico em 2010, ano em que é publicada a Estratégia Nacional para a Energia ENE2020 e o Plano Nacional para as Energias Renováveis, pelo XVIII Governo Constitucional, liderado pelo PS, tendo sido também o ano em que é publicado o “Manifesto por uma Nova Política Energética em Portugal”, assinado por

diversas personalidades e crítico da aposta nas renováveis, constituindo uma defesa velada da opção nuclear, o que gerou controvérsia. A quebra verificada em 2011, que também teve correspondência no número de artigos publicados na imprensa (Horta e Oliveira, 2014), parece estar relacionada com o intenso debate público em torno das eleições legislativas, antecipadas devido à queda do governo e fortemente dramatizadas devido ao contexto de severa crise do défice público do país, que conduziu a um pedido de resgate financeiro junto da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional. Verifica-se um novo pico em 2012, quando o XIX Governo Constitucional, eleito no ano anterior e liderado pela coligação PSD/CDS, suspende o processo de atribuição de novas licenças a parques de produção de energia eólica.

Figura 1 Posts sobre energias renováveis por ano



No que respeita ao tipo de energia referido nos posts, predomina a referência às energias renováveis em geral (mais de

metade dos posts), seguidas da energia eólica e só depois da energia solar (Quadro 3). A energia eólica recebeu particular

atenção em 2010 (ano em que emerge a controvérsia sobre os custos para o consumidor dos incentivos à energia eólica) e a energia solar em 2012 (com a polémica em torno do caso da empresa RPP Solar, uma fábrica de painéis fotovoltaicos que apesar de ter recebido apoios nacionais e municipais não chegou a ser construída) (Tabela 4).

Curiosamente, a central solar de Moura, a maior do mundo à altura da sua construção (2008) e alvo de intensa exposição mediática (Horta et al. 2013) recebe muito poucas menções, o que poderá dever-se à inexistência de polémica, bem como ao fato de se localizar geograficamente distante do centro simbólico de produção de opinião nos blogues, Lisboa.

Quadro 3 Tipo de energia referida nos posts

	Nº	%
Renováveis em geral	106	52,7
Eólica	49	24,4
Solar	22	10,9
Eólica e solar	16	7,0
Eólica e renováveis	6	1,0
Solar e renováveis	2	0,5

Quadro 4 Tipo de energia mencionada por ano do post

	Renováveis	Eólica	Solar	Eólica e Solar	Eólica e renov.	Solar e renov.
2005	0	4	0	0	0	0
2007	1	2	0	0	0	0
2008	9	8	1	4	0	0
2009	11	9	4	1	0	0
2010	37	16	0	5	2	0
2011	17	5	5	2	1	0
2012	26	4	11	3	2	1
2013	5	1	1	1	1	1

Analisando agora o sentido da opinião dos posts sobre energias renováveis, verifica-se que dois terços dos posts publicados são desfavoráveis (Quadro 5) e que esta tendência acentua-se nos posts respeitantes à energia eólica e, em menor grau, solar (Quadro 6). A maioria dos posts

favoráveis diz respeito às energias renováveis em geral.

Estes dados refletem a existência da polémica acima referida em torno da energia eólica, indicando um contexto de opinião tendencialmente favorável às energias renováveis de um modo geral.

Quadro 5 Sentido da opinião do post

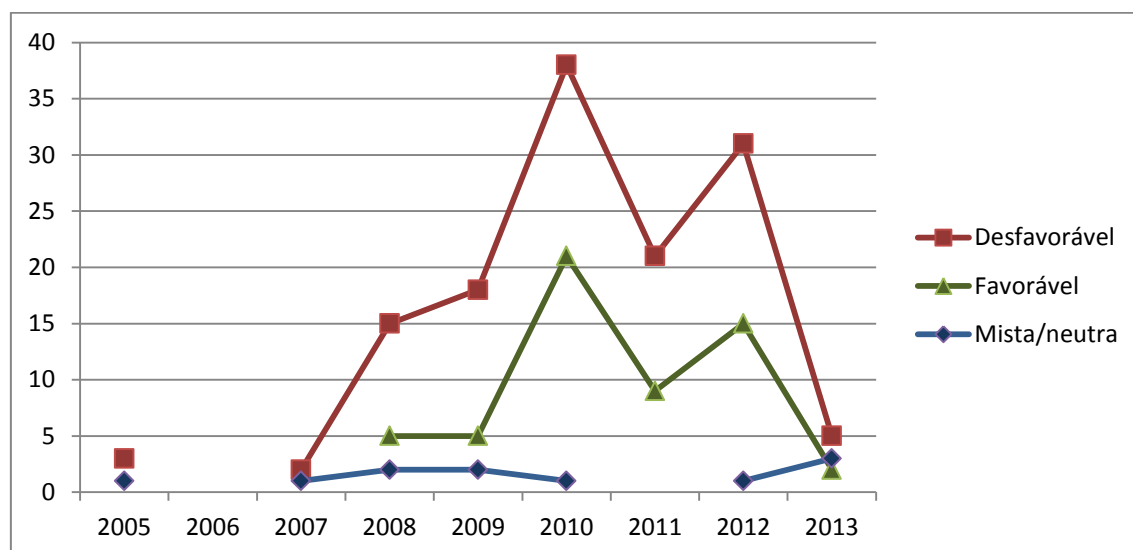
	Nº	%
Desfavorável	133	66,2
Favorável	57	28,4
Mista ou neutra	11	5,5

Quadro 6 Sentido da opinião do post por tipo de energia mencionada

	Desfavorável	Favorável	Mista/neutra
Renováveis em geral	57	44	5
Eólica	38	8	3
Solar	16	4	2
Eólica e solar	14	1	1
Eólica e renováveis	6	0	0
Solar e renováveis	2	0	0

Já a evolução do sentido dos posts por ano (Figura 2) revela que posts desfavoráveis e favoráveis às energias renováveis seguem as mesmas tendências temporais, o que pode ser explicado tanto como uma reação a determinados eventos (os

acontecimentos por trás dos picos em 2010 e 2012 acima referidos) como pela tendência dos blogues de posições diferentes entrarem em debate ou controvérsia, com posts de resposta sucessivos.

Figura 2 Sentido da opinião por ano do post

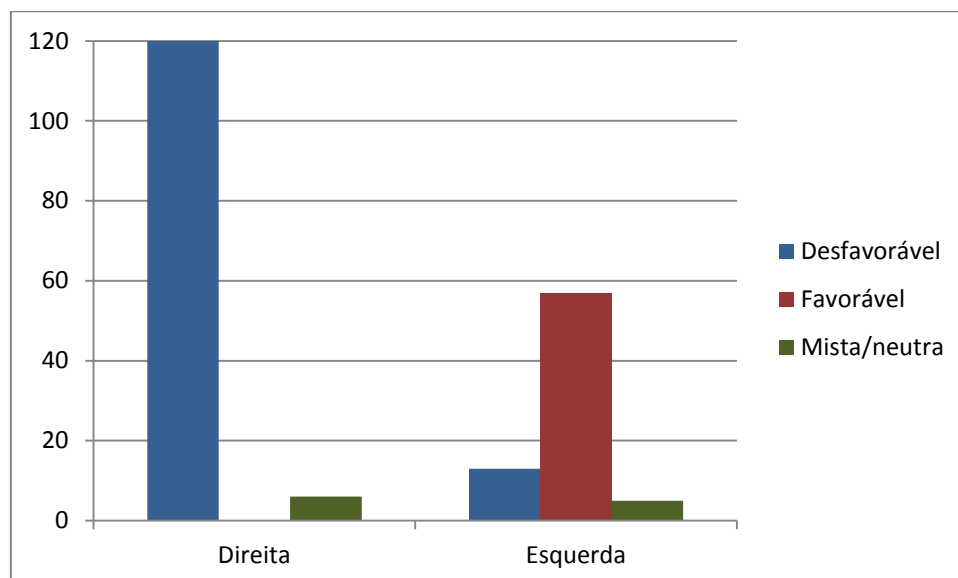
A orientação política dos blogues ajuda a explicar estas tendências. Vários autores têm destacado a polarização direita/esquerda na blogosfera política

portuguesa (Canavilhas 2005, Carvalho e Casanova 2010). Como se pode ver pela Figura 3, os blogues conotados com a direita publicam quase exclusivamente

posts desfavoráveis sobre as energias renováveis, enquanto os blogues com uma orientação política de esquerda tendem a

publicar posts favoráveis, ainda que em alguns casos também publiquem posts críticos.

Figura 3 Sentido da opinião por orientação política do blogue



Quadro 5 Posts por blogue

Orientação política	Blogue	Nº	%
Direita	<i>O Insurgente</i>	54	26,9
	<i>Blasfémias</i>	46	22,9
	<i>Abrupto</i>	9	4,5
	<i>31 da Armada</i>	7	3,5
	<i>Corta-fitas</i>	7	3,5
	<i>Portugal dos Pequeninos</i>	3	1,5
Esquerda	<i>Câmara Corporativa</i>	27	13,8
	<i>Jugular</i>	17	8,5
	<i>Aventar</i>	13	6,5
	<i>Ladrões de Bicicletas</i>	9	4,5
	<i>Arrastão</i>	5	2,5
	<i>Aspirina B</i>	4	2,0

A predominância de posts desfavoráveis às energias renováveis acima vista, que contrasta fortemente com a representação predominantemente positiva destas energias na opinião pública (Delicado et al. 2014), na imprensa (Horta e Oliveira

2014) e até no debate político parlamentar (Delicado et al. 2013b), explica-se então pelo facto de terem sido sobretudo os blogues com uma orientação política de direita que mais têm publicado posts sobre este tema (63% do total de posts), em

particular os blogues *O Insurgente* e *Blasfémias* (Quadro 7).

Esta tendência parece estar relacionada com o fato de o investimento nacional nas energias renováveis ter sido apresentado como uma bandeira do governo socialista e da sua política económica.

A análise dos posts dos blogues políticos sugere assim haver uma relação clara entre a orientação política e a opinião ou motivação face às energias renováveis. Mas quais são os argumentos mobilizados pró e contra as energias renováveis?

Representações sobre energias renováveis nos blogues políticos

Uma análise mais detalhada e de natureza qualitativa ao conteúdo dos blogues permite aferir com maior clareza as justificações que presidem ao apoio/rejeição das energias renováveis.

Em primeiro lugar, verifica-se que uma parte substancial dos posts são ligações, com comentários, a notícias publicadas na imprensa (o que constitui um indicador do efeito de “virtual feedback loop” entre blogues e jornalismo - Gallo 2004 e Adamic e Glance 2005, citados em Park 2009, Wallsten 2007), mas também a entrevistas, livros, relatórios e mesmo a posts noutros blogues políticos ou ambientais (o que é sintomático do funcionamento em rede dos blogues - Canavilhas 2005). Relativamente a estas ligações, alguns posts apresentam sentido oposto, com uma intenção crítica, enquanto outros apresentam sentido idêntico, como expressão de apoio à posição assumida (favorável ou desfavorável às energias renováveis).

Muitos posts são sustentados em dados quantitativos, em gráficos ou infografias, ou citações de trabalhos académicos, nacionais e internacionais, no que pode constituir uma estratégia de reforço da autoridade dos blogues (Park 2009). Outros são de natureza mais pessoal e fazem apelo à experiência direta dos autores.

Em segundo lugar, sendo a natureza destes blogues essencialmente política, e apesar dos posts se sustentarem em argumentos sobretudo de ordem, como a seguir se verá, os posts desempenham uma função primordial de combate político. Tal está patente na associação das energias renováveis às opções políticas dos governos no poder (cf. Jalali 2013). Os blogues de direita tendem a atacar com contundência as decisões tomadas pelo governo socialista, enquanto os blogues de esquerda tendem a defendê-las:

Interrogado sobre o endividamento o novo-porta voz do PS declarou que o Governo tem um programa de investimento nas energias alternativas. Mas vamos torrar o endividamento com a solar, fazê-lo voar com as eólicas ou atirá-lo para as ondas? (Blasfémias, junho de 2009)

(...) de uma penada, o Governo reconhece que toda a sua campanha anti-renováveis e, sobretudo, anti-Sócrates não passa de mistificação propagandística e desonesta manipulação. A verdade é que as eólicas mais caras e que mais pesam na tarifa são as anteriores aos Governos Sócrates. E que, a partir

de 2005, o custo da energia eólica passou a ser significativamente mais baixo. Tanto que o atual Governo não vê necessidade de rever a remuneração atribuída às centrais eólicas de 2005 a esta parte. (Câmara corporativa, setembro de 2012)

No entanto, a natureza do meio permite que a linguagem utilizada nos blogues seja substancialmente mais agressiva do que a habitualmente utilizada nos debates políticos, no parlamento e nos media (Jalali 2013):

(...) a provincianos como o primeiro-ministro Sócrates que, enquanto conduzia o país à ruína, podia reivindicar periodicamente uns galões de modernidade, uns futuros vanguardistas, e outras patéticas caríssimas.” (Corta-fitas, março de 2012)

(...) pesada factura a pagar pelos investimentos nas eólicas e nos fotovoltaicos, fruto da apurada visão estratégica “socretina” (Blasfémias, outubro de 2008)

O tema mais frequentemente referido nos posts sobre energias renováveis são os custos das mesmas, nomeadamente para os consumidores e em resultado das tarifas. Nos blogues de direita estes custos são sistematicamente referidos como excessivos e mesmo ruinosos:

Os leitores habituais já sabem que a energia terá que subir ainda mais, sobretudo por via do enorme défice tarifário. Este está a ser agravado pelo custo da energia eólica, que conjuntamente com a energia solar, representou um custo acrescido de 367 milhões de euros, na primeira metade de 2010 (O Insurgente, agosto de 2010)

A aposta nas energias alternativas - vento e sol - saiu caríssima às famílias e às empresas, que já estão a pagar a factura, com perdas acrescidas de bem-estar e competitividade (O Insurgente, outubro de 2010)

O jogo dos subsídios é um jogo de soma nula. Para subsidiar as energias alternativas é necessário cobrar impostos a outras actividades. (Blasfémias, julho de 2008)

Estes argumentos são rebatidos nos posts favoráveis às energias renováveis:

Nunca é de mais referir que as energias renováveis solar, hídrica e eólica apenas são pagas pelos consumidores domésticos, não afetando por isso a competitividade da nossa indústria. (Jugular, fevereiro de 2012)

(...) as energias renováveis têm já uma forte influência nos preços de mercado. Aos preços actuais dos

combustíveis esperar-se-ia que a produção de electricidade, com base no gás natural, custasse pelo menos 50 a 60 euros por MWh. Sem energias renováveis, o preço da electricidade teria sido pelo menos 20 euros/MWh mais caro, o que no total de um ano representa cerca de 1.000 milhões de euros poupados. Um pouco mais que o actual sobre-custo das renováveis, mas alguém se esqueceu deste pequeno pormenor... (Câmara corporativa, abril de 2010)

Acho extraordinário que escape aos críticos das energias renováveis – que nos dizem que são “caras” – um conceito económico elementar: esta é uma área na qual estamos a falar de um investimento, que implica, por definição, a existência de custos um pouco elevados a curto prazo, de modo a evitar custos mais elevados no futuro. (Câmara corporativa, agosto de 2010)

A este argumento do custo está frequentemente associada a comparação com outras fontes energéticas, quer no sentido desfavorável

Se o desenvolvimento da tecnologia de recuperação de gás natural continuar na vertigem dos últimos anos, se a provável continuação da crise continuar a empurrar para baixo o preço do carvão e do petróleo, que “sustentabilidade” terão as nossas torres eólicas e

industria a ela apenas quando colocadas em competição com outros que gastam 70% do que nós gastamos para produzir a mesma quantidade de energia? (O Insurgente, junho de 2012)

Portugal tem elevados custos de produção de energia, que resultam do baixo investimento em formas baratas de energia (nuclear, gás natural, importação), do alto investimento em formas caras de energia (eólicas) e da distância às redes europeias. (Blasfémias, agosto de 2011)

quer no sentido favorável

O custo da energia produzida nos novos parques eólicos em Portugal varia entre os 65€/MW e os 72€/MW, dos valores mais reduzidos na Europa, e que são já hoje competitivos ou quase competitivos com o custo da energia produzida nas centrais térmicas convencionais, aos actuais preços do gás natural e do carvão. (Jugular, maio de 2011)

Todos aqueles que têm sempre na ponta da língua a questão do endividamento nunca fazem referência ao peso do petróleo nas importações – e, sobretudo, à estratégia já em execução para reduzir a nossa factura energética e, progressivamente, o próprio endividamento. (Câmara Corporativa, janeiro de 2010)

Quando o petróleo estiver nos três dígitos outra vez num futuro próximo – e aconselho todos os interessados a ler este excelente livro de Jeff Rubin – e atirar todas as actividades dele dependentes contra a parede, vamos ver se as renováveis são “caras” (Câmara Corporativa, agosto de 2010)

Os posts desfavoráveis às energias renováveis fazem frequentemente referência, de forma pejorativa, ao “lobby” e aos interesses privados subjacentes à política pública:

(...) trata-se de um grande negócio, um dos grandes negócios dos dias de hoje, fortemente subsidiado, movendo interesses cada vez mais alargados - empresas multinacionais, autarquias, grupos empresariais, e ... ecologistas - e que alastra com a mesma velocidade rapace de outros que o precederam (Abrupto, janeiro de 2007)

O mercado distorcido e não concorrencial de electricidade em Portugal alegra e alimenta luxos ambientalistas, fabricantes de turbinas, provincianos arrivistas, autarcas modernações, e grandes negociatas (Corta fitas, março de 2012)

No que respeita à argumentação favorável às energias renováveis, ainda no domínio económico, são destacados fatores (muito

presentes também no discurso político de governantes e deputados - Delicado et al. 2013b) como a redução das importações e da dependência energética

Aquela pieguice das renováveis permitiu, entre outras coisas, que Portugal reduzisse a sua dependência energética de uma forma impensável há apenas dez anos atrás, contribuindo para uma forte redução da nossa factura de importações energéticas. (Jugular, fevereiro de 2012)

a criação de emprego

As energias renováveis criam emprego. O caso que o NYT dá é exemplar: trabalharam 400 pessoas na construção da central de Moura, que agora dá emprego a 25 pessoas. A verdade é que esses 25 empregos - por poucos que sejam - não existiam antes. E 25 empregos num concelho como Moura, nos tempos que correm, são um pequeno milagre económico (Câmara Corporativa, agosto de 2010)

A aposta nas energias renováveis permitiu criar cerca de 30.000 empregos em Portugal (Jugular, maio de 2011)

o desenvolvimento regional

(...) a descentralização da produção eléctrica, a distribuição de riqueza nas regiões mais desfavorecidas (...)

são exemplos de que o investimento nacional nas energias renováveis foi uma opção política responsável e consequente (Câmara Corporativa, agosto de 2012)

o investimento na investigação e inovação tecnológica

(...) as dezenas de empresas e universidades que aproveitaram a boleia, desenvolvendo competências em nichos de mercado, desde sistemas avançados de previsão eólica até sistemas para protecção da biodiversidade em parques eólicos, facilmente se conclui que este debate não se resume, nem se pode resumir ao debate €/MW que alguns querem fazer passar (Jugular, maio de 2011)

A estes argumentos favoráveis são por vezes contrapostos outros de sentido inverso, nomeadamente no que respeita ao emprego

Um estudo da Universidade Rey Juan Carlos, de Madrid, sobre o impacto no emprego das ajudas públicas às energias renováveis, conclui que 2,2 postos de trabalho são destruídos por cada “emprego verde” criado em Espanha (O Insurgente, março de 2010)

e ao desenvolvimento tecnológico

Mas que tecnologia própria temos ou estamos a criar? Nenhuma digna

de nota, creio. No essencial, o que fazemos neste domínio é importar tecnologia estrangeira. (Jugular, junho de 2011)

Portugal tem uma das maiores centrais solares da Europa. A energia é altamente subsidiada e a tecnologia é importada. A tecnologia usada não tem nada de especial e estará obsoleta dentro de 10 anos (Blasfémias, junho de 2008)

Os posts desfavoráveis às energias renováveis mobilizam também outros argumentos não económicos. Por um lado, é apontado às renováveis, e em particular à eólica, a sua variabilidade e pouca fiabilidade

(...) grande dificuldade dessas energias - eólica e fotovoltaica - é que contrariamente à biomassa ou à geotermia, são intermitentes, e é aí que reside o seu grande inconveniente quando se ultrapassa os 15 % de penetração de eólica numa rede como a nossa. (O Insurgente, abril de 2010)

(...) as pessoas têm o mau hábito de consumir mais energia precisamente quando não há vento (ver gráfico seguinte). Manias. Por volta das 11 da manhã, o peso das eólicas na produção total foi menos de 2%. Percebe-se agora porque é que as eólicas precisam de subsídios. O pico de produção das eólicas ocorre de madrugada, quando os preços da

electricidade são mais baixos. O pico de consumo ocorre durante o dia quando as eólicas se encontram num mínimo de produção. Como a rede tem que dar resposta aos picos de consumo, os sistemas não eólicos de produção têm que ter capacidade para responder a 98% do consumo máximo (Blasfémias, julho de 2008)

Por outro lado, são referidos os impactos paisagísticos negativos, associados à falta de planeamento (uma das principais razões de contestação aos parques eólicos - cf. Delicado et al. 2013a)

As eólicas são o primeiro exército, que já fez desaparecer qualquer servidão de vistas intacta por todo o lado do país. Sucede que as que já estão nas cumedadas são apenas um ínfima parte das que vão estar, como nos lembram os nossos defensores das energias renováveis. O país já está, como o triste exemplo dos Cornos do Barroso, um dos cornos com uma antena solitária e o outro não. Daqui a uns anos cada corno terá várias ventoinhas, como aqueles malucos que trazem um boné com um viravento. Marão, Gerez, Barroso, Estrela, onde houver vento crescerão as ventoinhas, desaparecerão as cumeadas. (Abrupto, março de 2007)

Depois do litoral destruído com construção, coube a vez às serras, desfiguradas com ventoinhas plantadas sem

ordem e com o bónus da electricidade a preço de ouro. (Aventar, maio de 2013)

Já a argumentação favorável de cariz não económico assenta na proteção do ambiente e na redução das emissões de gases com efeitos de estufa

(...) a redução das emissões de CO2, são exemplos de que o investimento nacional nas energias renováveis foi uma opção política responsável e consequente. (Câmara Corporativa, agosto de 2012)

O resultado foi uma explosão de produção de energia eólica, como qualquer pessoa pode testemunhar se andar pelo país. Os resultados são positivos: menor dependência energética externa e produção de electricidade pouco poluente. (Ladrões de bicicletas, outubro de 2010)

Por último, convém referir os significados simbólicos associados às energias renováveis nos blogues políticos. Se nos posts favoráveis estas são caracterizadas como “uma escolha inteligente e natural, quer se utilize um critério ético, económico, ambiental ou social.” (Jugular, fevereiro de 2012) ou uma mais-valia internacional que “tornou Portugal uma referência” (Câmara corporativa, fevereiro de 2012), nos posts desfavoráveis são “luxos ambientalistas” (Corta-fitas, março de 2012), “disparate” (O Insurgente, outubro de 2010), “loucura”(O

Insurgente, fevereiro de 2011) ou “*crendice*” (*Blasfémias*, setembro de 2011).

Os autores dos blogues políticos

No âmbito da análise dos blogues políticos foi ainda feita uma breve resenha

biográfica dos principais autores dos posts sobre energias renováveis de cada blogue (com base na informação disponível online), de forma a aprofundar o conhecimento dos blogues, dos seus autores e das suas motivações.

Tabela 1 Autores dos posts nos blogues de Direita

31 da Armada	Rodrigo Moita de Deus: publicitário, jornalista e é autor de vários livros. Lidera atualmente uma agência de comunicação e assessoria de imprensa e escreve na revista FdS do Diário Económico. É ainda comentador residente da TVI248 e da Económico TV e membro do Partido Social Democrata. Outros autores: Afonso Azevedo Neves (licenciado em direito, consultor na área da comunicação, ajunto do Ministro da Defesa no atual governo PSD), Alexandre Borges (jornalista e escritor), João Vacas (licenciado em direito, chefe de gabinete de um deputado europeu do CDS), José Maria Barcia (consultor).
Abrupto	José Pacheco Pereira, autor único do blogue, licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é membro do Partido Social Democrata e é historiador, professor universitário, político e comentador político português. Escreveu vários livros e assina colunas no jornal Público e revista Sábado. Como comentador político, participa em vários programas na televisão. É membro do programa Quadratura do Círculo fazendo também o programa Ponto/Contraponto na SIC Notícias.
Blasfémias	João Miranda: engenheiro químico e doutorado pela Universidade do Porto. Tem vindo a desenvolver uma carreira de docente e investigador na Universidade do Minho e do Porto bem como na Universidade Lusófona do Porto. Além da carreira académica é também comentador, tendo colaborado com o Jornal de Notícias. Outros autores são Carlos Abreu Amorim (doutorado em Direito, deputado do PSD), Helena Matos (jornalista), João Caetano Dias (engenheiro), José Manuel Fernandes (jornalista), José Pedro Lopes Nunes (professor universitário em medicina), Pedro Madeira Froufre (professor universitário em direito), rodrigo Constantino (economista brasileiro), Vitor Cunha (consultor de comunicação).
Corta-Fitas	José Mendonça da Cruz: diretor da revista do Reader's Digest, tem formação em Direito e é jornalista desde 1976.

	<p>Outros autores: João Afonso Machado (advogado e escritor, de origens familiares aristocráticas); João Távora (empresário na área da comunicação e marketing e assume-se como “monárquico, católico e conservador”); Maria Teixeira Alves (jornalista do Diário Económico); Vasco Lobo Xavier (advogado numa das maiores sociedades do país); Vasco Medeiros Rosa (editor e designer); Vasco Mina (presidente da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas).</p>
O Insurgente	<p>André Azevedo Alves: licenciado pela Faculdade de Economia do Porto e Doutorado em Government pela London School of Economics. É Professor Assistente na Universidade Católica do Porto. Na qualidade de “politólogo”, participa em programas da RTP, escreve no Jornal Público, na Revista XXI - Ter Opinião; e na Causa Liberal - Associação para o estudo, debate e divulgação do Liberalismo Clássico.</p> <p>Outros autores do blogue são Graça Campo Moniz (jurista), Miguel Noronha (economista), Alexandre Homem Cristo (licenciado em ciência política), André Abrantes Amaral (advogado), André Azevedo Alves (licenciado em economia e mestre em ciência política), Rui Carmo (jornalista), Maria João Marques (licenciada em economia, empresária), Mário Amorim Lopes (investigador na Faculdade de Economia da Universidade do Porto), Rodrigo Adão da Fonseca (licenciado em economia, trabalha no sector bancário), Ricardo Arroja (licenciado em gestão, trabalha no sector financeiro), Ricardo Campelo de Magalhães (licenciado em economia, consultor financeiro).</p>
Portugal dos Pequeninos	<p>João Gonçalves, autor único do blogue é jurista de profissão. Trabalhou no gabinete do ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, e foi adjunto político do ministro dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas no governo (PSD).</p>

Tabela 2 Autores dos posts sobre energias renováveis nos blogues de Esquerda

Arrastão	<p>Daniel Oliveira: estudou no ISCTE, é jornalista e esteve nos órgãos do Bloco de Esquerda, tendo saído do partido por divergências com o seu presidente. Como jornalista, é colunista no jornal Expresso, participa no programa da SIC Notícias, O Eixo do Mal.</p> <p>Outros autores: Pedro Vieira (designer e criativo), Sérgio Lavos (relações públicas e tradutor), Miguel Cardina (historiador), Bruno Sena Martins (investigador em sociologia).</p>
Aspirina B	<p>Blogue coletivo, em que a maioria dos autores usa um pseudónimo. A única autora identificada é Isabel Moreira, deputada do PS.</p>

Aventar	<p>Jorge Manuel Cordeiro: licenciado em engenharia pela Universidade de Coimbra e empresário.</p> <p>Outros autores: A. Pedro Correia (artista), Abraão Vicente (artista plástico e escritor), João José Cardoso (licenciado em história, professor), Sarah Adamopoulos (jornalista), Francisco Miguel Valada (interprete de conferência), Fernando Moreira de Sá (consultor de comunicação), Noémia Pinto (consultora do sector financeiro), Carla Romualdo (licenciada em comunicação social, trabalha no sector do ensino), Elisabete Figueiredo (professora universitária em sociologia).</p>
Câmara Corporativa	<p>Miguel Abrantes é o pseudónimo coletivo que assina os posts do blogue.</p> <p>Uma polémica em 2010 indicava que os autores eram assessores do governo da altura (PS).</p> <p>Outros autores (também pseudónimos): Afonso Mesquita, João Magalhães, José Soares e João Reinhart</p>
Jugular	<p>Tiago Julião Neves: é licenciado em Economia pela Universidade Nova de Lisboa, é administrador de empresas tendo sido assessor do Ministro da Economia, Inovação e Desenvolvimento de Portugal do Governo (PS) e antes disso foi economista na Autoridade Reguladora das Águas e Resíduos.</p> <p>Outros autores: Ana Vidigal (artista plástica), Ana Matos Pires (médica), Hugo Mendes (assessor do governo PS e da bancada parlamentar do PS), João Galamba (deputado do PS), Irene Pimentel (historiadora), Domingos Farinho (professor universitário em direito), João Pinto e Castro (empresário e jornalista).</p>
Ladrões de Bicicletas	<p>João Rodrigues: licenciado em Economia pelo ISEG e Doutorado pela Universidade de Manchester. Além de ser professor na Universidade de Coimbra tem vindo a desenvolver atividade de jornalista como colunista no Jornal de Negócios, Jornal i. Escreve artigos de opinião que têm vindo a ser publicados no Público, Le Monde diplomatique - Edição Portuguesa, Finisterra e Seara Nova.</p> <p>Outros autores: Ricardo Paes Mamede (professor universitário de economia), Jorge Bateira (economista), José Gusmão (deputado do Bloco de Esquerda), Alexandre Abreu (economista, investigador), Pedro Nuno Santos (deputado do PS), José Manuel Castro Caldas (investigador universitário), João Galamba (deputado do PS).</p>

Apesar do carácter lacunar da informação recolhida, alguns resultados relevantes podem ser apurados a partir deste exercício. Em primeiro lugar, constata-se a

predominância de autores com formação ou desempenho profissional na área da economia/gestão de empresas (empresários mas também docentes e investigadores universitários) como autores

principais dos posts sobre energias renováveis. É portanto a dimensão económica, mais que ambiental, que preside à motivação para escrever sobre estes temas, ainda que o argumento da “autoridade científica” também possa ser utilizado: a resposta favorável a um post desfavorável escrito por um economista terá de provir de alguém com qualificações semelhantes para o argumento ser eficazmente rebatido e vice-versa. São também frequentes os autores com atividade profissional no jornalismo (o que sublinha a proximidade, mais que a rivalidade, entre estes dois meios - Park 2009), no ensino universitário, na política (quer como representantes eleitos, quer como assessores) e na advocacia.

As diferenças entre direita e esquerda são ténues, mas pode-se apontar um predomínio de autores que trabalham no sector privado (empresas, banca, sociedades de advogados) nos blogues de direita.

Conclusão

O trabalho desenvolvido permite afirmar que as energias renováveis têm uma presença assinalável tanto nos blogues de ambiente como nos blogues políticos. Se nos primeiros predominam largamente as representações favoráveis destas formas de energia, nos segundos as referências são muito mais polarizadas, sobretudo em função da orientação política do blogue.

A atenção da blogosfera política à questão das renováveis é em larga medida dependente dos eventos políticos, designadamente das medidas tomadas pelo governo e das críticas formuladas pela

oposição. É bastante clara a segmentação entre esquerda e direita: os blogues que seguem uma orientação de esquerda têm-se mostrado mais adeptos das energias renováveis (expressando apoio à política desenvolvida durante o governo socialista ou crítica aos recuos da governação social-democrata) e os blogues de orientação política de direita são inequivocamente contra.

Se os benefícios ambientais das energias renováveis não são postos em causa por nenhuma das partes, é na argumentação económica que as opiniões mais se extremam. Os críticos das renováveis apontam os custos excessivos para os consumidores resultantes da política de incentivos às renováveis e sua inviabilidade económica, ao que os apoiantes respondem com os custos incorridos por outras formas de geração de energia, os benefícios em termos de criação de emprego, desenvolvimento regional e inovação tecnológica. A questão da paisagem, tão central noutras arenas de debate sobre as renováveis, tem aqui uma relevância menor.

No que respeita ao impacto dos blogues na opinião pública, não dispomos de instrumentos para a aferir. No entanto, e apesar do relevo mediático que lhes tem sido dado, a esfera de influência dos blogues é relativamente limitada. Segundo dados do Eurostat, em 2011 apenas 15% dos portugueses leram ou expressaram opiniões sobre temas políticos ou cívicos em websites.

Assim, os blogues desempenharão fundamentalmente uma função de combate político e de expressão de

opinião mais aberta (em termos de participantes e de linguagem) que noutras arenas de debate, como o parlamento ou os media tradicionais. A sua análise é, no entanto, útil no sentido de permitir aceder a uma esfera de discussão pública que ultrapassa as limitações próprias dos media tradicionais.

Referências

Amaral, Inês (2006), “A emergência dos weblogs enquanto novos actores sociais”, *Prisma.com*, nº 3, 42-63.

Canavilhas, João (2005), “Blogues políticos em Portugal: o dispositivo criou novos actores?”, in Correia, J. C. (ed.), *Comunicação e política*, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 85-114

Carvalho, Tiago e Casanova, José Luís (2010), “Esfera pública, democracia e internet: os bloggers em Portugal”, *Observatório (Obs)*, vol. 4, nº 2, 91-118.

Delicado, Ana et al. (2013a), “Ambiente, paisagem, património e economia: Os conflitos em torno de parques eólicos em Portugal”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 100, 11-36.

Delicado, Ana et al. (2013b) “Renewable energy controversies: entanglements between policy, environment, economics and public opinion”, *8th International Interpretive Policy Analysis Conference “Societies in Conflict: Experts, Publics and Democracy*, Viena, julho de 2013

Delicado, Ana, Horta, Ana, Fonseca, Susana (2014), “Energia: das fontes à eficiência energética”, In Schmidt, L. & Delicado, A. (Eds.), *Ambiente, alterações climáticas, alimentação e energia: a opinião dos portugueses*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 145-197

Haider, Jutta (2012), “Interrupting practices that want to matter: the making, shaping and reproduction of environmental information online”, *Journal of Documentation*, vol. 68, nº 5, 639-658.

Horta, Ana et al. (2013), “Solar energy in the news: national and local media coverage of a solar power plant in Alentejo”, *Comunicação a STS Perspectives on Energy*, Lisboa, novembro de 2013

Horta, Ana e Oliveira, Carla (2014), *Construção mediática das energias renováveis: as centrais eólicas e solares de 2001 a 2013*. Relatório de pesquisa RENERGY - Consensos e controvérsias sociotécnicas sobre energias renováveis

Jalali, Carlos (2013), “Odres novos, vinho velho? Os novos media e os partidos políticos”, in Serra, P. et al. (eds.), *Participação Política e Web 2.0*, Covilhã: LabCom Books, 83-100.

Luck, Edwina e Ginanti, Ayu (2013), “Online Environmental Citizenship: Blogs, Green Marketing and consumer sentiment in the 21st Century”, *Electronic Green Journal*, 1(35), 1-26

Montez, Rui e Gama, João Vasco (2006), “Esfera pública @ blogosfera: análise das relações entre imprensa e a

blogosfera ao nível do debate político”, *Prisma.com*, nº 3, 504-529.

Nahon, Karine e Hemsley, Jeff (2011), “Democracy.com: A Tale of Political Blogs and Content”, *Proceedings of the 44th Hawaii International Conference on System Sciences*.

Park, David W. (2009), “Blogging with authority: strategic positioning in political blogs”, *International Journal of Communication*, 3, 250-273

Perlmutter, David D. (2008), *Blogwars*, Oxford: Oxford University Press.

Wallsten, K. (2007), “Agenda setting and the blogosphere: an analysis of the relationship between mainstream media and political blogs”, *Review of Policy Research*, 24 (6): 567-587.

Wallsten, Kevin (2008), “Political Blogs: Transmission Belts, Soapboxes, Mobilizers, or Conversation Starters?”, *Journal of Information Technology & Politics*, 4:3, 19-40.